

## Letramento histórico digital e abuso da História

Linik Sued Carvalho da Mota

---

### Resumo

---

O advento das mídias sociais mudou a forma como os estudantes percebem o tempo, a História e a si mesmos. Ficou muito mais fácil obter e produzir informação e conteúdo, se antes os indivíduos, especialmente os historiadores, precisavam lidar com a escassez de fontes e materiais, agora estão diante do excesso de memória. No ensino de História surgem novos desafios, pois a consciência histórica dos discentes é moldada por um mundo cada vez mais informatizado e são acessíveis as mais diversas formas de acesso a determinados conhecimentos históricos, entretanto, muitos destes *criadores de conteúdo* não são historiadores profissionais, algo que transforma a internet e suas plataformas em espaços propícios para abusos da História. Este artigo procura discutir a importância do letramento histórico-digital como possibilidade de pensar um ensino de História que forneça as ferramentas necessárias, aos estudantes, para identificar usos irresponsáveis ou abusos da História na Internet.

**Palavras-Chave:** História. Consciência. Letramento. Informatização.

## Digital historical literacy and the abuse of History

---

### Abstract

---

The advent of social media has changed the way students perceive time, history and themselves. It became much easier to obtain and produce information and content, if before individuals, especially historians, needed to deal with the scarcity of sources and materials, they are now facing an excess of memory. In the teaching of History new challenges arise, since the historical awareness of students is shaped by an increasingly computerized world and the most diverse forms of access to certain historical

knowledge are accessible to them, however, many of these creators of content are not historians, something that transforms the internet and its platforms into spaces conducive to the abuse of history. This article seeks to discuss the importance of historical-digital literacy as a possibility of thinking about teaching History that provides students with the necessary tools to identify irresponsible uses or abuses of History on the Internet.

**Keywords:** History. Conscience, Literacy, Information.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Nos últimos anos o avanço avassalador das mídias digitais tem modificado e dinamizado diversos elementos da vida social brasileira, mudado a forma como nos relacionamos, conversamos e recebemos notícias. Se antes tínhamos veículos de informação muito bem definidos como noticiários, jornais, escolas, revistas, agora temos uma infinidade de *blogs*, páginas, *sites* e canais de *youtube*, uma avalanche de informação e de variedade.

Essa nova conjuntura, como não poderia deixar de ser diferente, levantou novas questões para o ensino de História: Como utilizar essas ferramentas para incrementar o contato com os alunos? Como disputar com os meios “alternativos” de informação que podem ser acessados a um clique pelos estudantes? Estas são perguntas vitais, pois, como coloca Flavia Eloisa Caimi (2006, p. 21):

O domínio dos conhecimentos históricos a ensinar pelo professor não é condição suficiente para garantir a aprendizagem dos alunos, embora dele não se possa prescindir, absolutamente. Se é correto afirmar que ninguém ensina, qualificadamente, um conteúdo cujos fundamentos e relações desconhece, também é possível supor que a aprendizagem poderá ficar menos qualificada, se o professor desconsiderar os pressupostos e os mecanismos com que os alunos contam para aprender e os contextos sociais em que estas aprendizagens se inserem.

Os professores ensinam em relação dialética com a carga que os alunos trazem e com os contextos que ambos, tanto o docente, quanto o discente, estão inseridos. Vivemos em um mundo conectado pela rede, de informação acelerada, e onde os estudantes têm a possibilidade de acessar o conteúdo sem a intermediação do professor ou professora, é um erro imaginar que é possível, atualmente, ensinar História sem dar a devida dimensão a este problema, pois, de um lado, temos uma nova forma de se relacionar com o passado, como afirma Flávio Batista dos Santos (2019, p. 184):

Cabe uma reflexão de como nossos jovens lidam com o tempo e com o passado. Vivemos num mundo onde o presente suplanta tanto o passado quanto o futuro. O que vale é o aqui e o agora. Não há uma preocupação clara e evidente de como o passado e também o futuro afeta a vida de grande parte de nossos estudantes.

Do outro lado temos o fato de que muitas das abordagens de conteúdos históricos encontradas nas plataformas digitais não são realizadas por historiadores, o que constrói um ambiente propício para maus usos e abusos da História que podem ter impactos sociais de relevo. O problema, então, apresenta-se em duas frentes: Como tornar a reflexão do passado como ferramenta para entender o presente interessante para os estudantes no Século XXI? Como treinar os discentes para usarem as narrativas históricas reproduzidas por *sites*, *think tanks*, *blogs* e canais de *youtube* de forma responsável e ser capazes de reconhecer um abuso da História? Pensar sobre estas questões é o objetivo deste artigo.

### **Mídias virtuais, reificação, mudanças e novas possibilidades**

Desde que a internet chegou ao Brasil, nos anos noventa, seus usos variaram e intensificaram, tornou-se uma necessidade na esmagadora maioria dos setores econômicos e dinamizou diversos serviços, desde transações bancárias até a comunicação em geral. Segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade (CETIC) (2016, p. 1), em 2015 no Brasil “chegou-se à marca de 94,2

milhões de internautas no país, o que corresponde a 55% da população.”, isto é, o uso da internet e de suas tecnologias tornou-se algo presente para mais da metade dos brasileiros.

Apesar do alto alcance o acesso à internet ainda é desigual, tanto no acesso a rede, quanto nas ferramentas utilizadas para tal, o estudo feito pela CETIC elenca como principal obstáculo para o uso da internet o alto custo cobrados pelas empresas provedoras, assim “13% dos domicílios com acesso à Internet compartilham o acesso com domicílios vizinhos via *wi-fi*.” (2016, p. 2).

As desigualdades podem ser percebidas na questão do acesso, sendo o preço dos aparelhos e do próprio serviço de distribuição do sinal proibitivos para parcela população. Os celulares e *tablets* representam, devido ao menor custo e a praticidade, uma alternativa popular de acesso aos computadores, nesse sentido a pesquisa prossegue:

Considerando o total de usuários de Internet, 20% acessam a Internet apenas pelo telefone celular e 24% apenas pelo computador. A maioria dos usuários (56%) utiliza ambos os dispositivos, apontando para uma diversificação de um acesso já existente.” (CETIC, 2016, p. 4).

Esse é um dado importante, pois, tendencialmente, 76% dos usuários de internet no Brasil usam o aparelho celular para esse objetivo, o que significa que possuem, dentro de seus bolsos, em qualquer lugar, possibilidade de consumir conteúdo e fazer uso dos serviços possibilitados por esta tecnologia, o que contribui para a aceleração cada vez maior da construção de uma *cibercultura*, onde:

Os sujeitos envolvidos nesse contexto de globalização passam a deter a possibilidade de partilhar e de compartilhar um número maior de experiências e pontos de vista, em tempos relativizados, uma vez que o correio é substituído ou divide funções com correios eletrônicos, os quais, em apenas um simples apertar de botões, chegam a seus destinatários em questão de segundos. (VIEIRA, 2016, p. 24)

Especificamente entre os jovens o acesso internet tornou-se cotidiano, como coloca Butcher (2020): “No Brasil, 89% das crianças e dos adolescentes são usuários de

Internet. No entanto, 4,8 milhões das pessoas de 9 a 17 anos ainda moram em domicílios sem acesso à rede, o que representa 18% dessa população.”. Apesar de a desigualdade reproduzir-se nesse segmento, a maioria dos jovens são usuários contumazes dessa tecnologia. A possibilidade de trocas de experiências, apropriação de conhecimentos e aceleração da comunicação alcançam níveis que eram inimagináveis há apenas quarenta anos, afetando a forma como nos entendemos enquanto sujeitos e como nos identificamos. Stuart Hall (2011, p. 42) observa:

Os fluxos culturais entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades compartilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no tempo e no espaço.

Grupos, tribos urbanas e semelhantes não precisam estar mais no mesmo espaço, na mesma cidade, no mesmo bairro, distribuem-se agora por todo o país ou mundo, graças à internet. Assim sendo, as tecnologias digitais e virtuais não apenas modificaram e aceleraram o mundo do trabalho e das finanças, mas influenciaram a forma como o indivíduo se vê e se coloca no mundo.

A forma como consumimos notícias, procuramos informações e conhecimentos é profundamente afetada onde a informação torna-se uma mercadoria, produzida rapidamente para ser consumida na mesma velocidade.

No mundo contemporâneo, com o advento da internet, onde a marca das relações humanas é o imediatismo, essa urgência se tornou característica ainda mais marcante em nossa sociedade. Cabe destacar que essas mídias apresentam diferentes características em relação à interatividade, individualização e na própria autonomia quanto às informações alcançadas. Importante salientar que, principalmente no tocante à produção jornalística e apesar de toda manipulação existente, ainda se verifica certa apuração fidedigna das informações veiculadas pelos grandes veículos televisivos, baseada numa certa concepção de manutenção de credibilidade perante o grande público. Cabe pontuar que isso não significa dizer que não há distorções, que os discursos proferidos são claramente ideológicos, e uma série de outras questões a respeito da manipulação televisiva. Contudo, a

internet promoveu ao mesmo tempo uma ampliação considerável das informações, e por outro lado, também uma amplificação dos discursos, de palanques virtuais para as mais distintas ideias. (MENDES, 2018. P. 45).

As notícias chegam mais rápido e podem ser acessadas facilmente em qualquer lugar em que haja sinal de internet, permitindo maior interação e diminuição dos espaços. Se antes eram necessárias horas para que a notícia ficasse pronta e fosse publicada em jornais diários ou telejornais fechados em grades de programação, agora ela é instantânea. Novos hábitos, novas técnicas e novos estímulos envolvem essas identidades partilhadas próprias de um mundo em que a tecnologia virtual ocupa grande espaço. Uma nova reificação, isto é, a coisificação de determinadas relações passa a ser reproduzida na *internet*, medimos se uma foto está bonita ou quantificamos o “afeto” através de *likes*, damos relevância ou não a determinado conteúdo por suas *views* e medimos o quanto somos queridos pela quantidade de seguidores que temos.

Para Rosado e Tomé (2015, p. 16) os adolescentes são especialmente afetados por essas transformações:

Nesse processo, os jovens parecem ser os que se adaptam e mudam de maneira mais veloz em relação a outros segmentos etários, intervindo, em maior ou em menor grau, nos discursos e negociações presentes nessas comunidades formadas na internet. Atividades simultâneas (multitarefa), leitura rápida e randômica de assuntos diversificados, jogos de computador e celulares permanentemente conectados à internet caracterizam os jovens dessa geração.

Os adolescentes, que cresceram e desenvolveram sua percepção da realidade em relação constante com as mídias digitais apresentam maior adequação a seus termos, funcionamento e ao *ethos* que forma a chamada *cibercultura*. Ao mesmo tempo em que a rede mundial de computadores é um campo de possibilidades de acesso ao conhecimento, diminuição das distâncias, desenvolvimento do trabalho humano e da ciência, ela estabelece também novas formas de reificação, como coloca Norma Alcântara (2014, p. 125):

De um lado, a ampliação dos conhecimentos dos homens, que ocorre a partir do desenvolvimento do trabalho e, com este, da ciência; de outro lado, esse mesmo desenvolvimento econômico não apenas alarga as reificações sociais, mas tende a solidificá-las nos homens da vida cotidiana.

A forma como nos percebemos, nos identificamos, desenvolvemos empatia, nos identificamos e trocamos afeto tornam-se coisificadas ou reificadas, moedas de troca bem estabelecidas em um campo de significados bastante complexo, porém apreendido e reproduzido espontaneamente, cotidianamente em um *ethos* historicamente construído. Neste campo de significado surgem as figuras dos “*digital influencers*” e *youtubers*, usuários de plataformas digitais que acumulam milhares de seguidores, *likes*, *views* e inscritos e por isso recebem atenção pelo que fazem e dizem. Os assuntos e temas abordados pelos “*digital influencers*” são diversos, alguns se aventuram na divulgação científica e, entre estes, uma parcela dedica-se à História.

O que seria, entretanto, um *youtuber*? Para Pinto (2018, p. 19):

Os influenciadores são considerados pessoas atrativas pelas suas diversas qualidades, cujo conhecimento sobre uma determinada categoria de produto/marca é considerado credível. Posto isto, conseguem influenciar o ambiente no qual estão envolvidos, através das informações que dão sobre produtos/marcas e através da sua subjetividade nas suas avaliações dos mesmos.

Para além de influenciadores primários existem os influenciadores do meio online, como os *Youtubers*.

Os *Youtubers* são as pessoas que produzem vídeos para o Youtube. São considerados influenciadores e líderes de opinião com capacidade de desenvolver opinião e dirigi-la aos seus seguidores, promovendo publicidade sobre a marca.

Portanto um *youtuber* é um influenciador digital, que utiliza a plataforma de vídeos *Youtube* como sua principal ferramenta de trabalho para divulgação de opiniões, ideias e *merchandising*. Dentre os divulgadores científicos de história existem alguns historiadores, como é o caso do Felipe Figueiredo que contribui com um programa do *youtube* chamado *nerdologia*, entretanto a maioria é formada apenas de aficionados, curiosos ou jornalistas, um exemplo relevante nesse sentido é o do *youtuber* Felipe

Castanhari, que é dono do canal Nostalgia, no qual produz tanto conteúdos relacionados à cultura pop quanto conteúdos relacionados à historiografia, muitas vezes de forma problemática. Tais aficionados ocupam um vácuo deixado pelos próprios historiadores, que, como colocam Kreita Grinberg e Anita Almeida (2012, p. 316):

Mas o espaço que as chamadas novas tecnologias ganharam no campo da reflexão mais geral sobre Educação não parece ter encontrado correspondente similar na área de História. Para além da utilização do computador como ferramenta para construção de bancos de dados, principalmente por especialistas em história econômica, quantitativa ou demográfica – procedimento feito desde a década de 1960 –, até recentemente foram poucos os historiadores que se dedicaram a refletir sobre as mudanças que a rede mundial de computadores traria à pesquisa, à produção e à divulgação do conhecimento em História.

Completam:

Hoje, a maioria das atividades de historiadores na internet é relativa à digitalização de documentos e de acervos de instituições, tanto para preservá-los quanto para torná-los disponíveis a pesquisadores e interessados que dificilmente a eles teriam acesso.

O uso das tecnologias digitais por parte dos historiadores resume-se, na maioria dos casos, a arquivamento. Não há dúvidas quanto à importância deste trabalho para os pesquisadores das ciências humanas em geral, porém ao não aproveitar as plataformas de *upload* de vídeo para fazer divulgação científica adaptando-se a linguagem destes meios, os historiadores e historiadoras abrem espaço para que este lugar seja ocupado por outros. Isso quer dizer que apenas historiadores podem falar de História em canais de *youtube*? De forma alguma. Entretanto, esse espaço e suas possibilidades, assim como a presente conjuntura, criam um ambiente propício à proliferação de negacionismos, usos irresponsáveis e abusos da História.

Ao mesmo tempo em que a *internet* oferece conteúdos sérios e de qualidade acerca de conteúdos históricos e abusos/negacionismos da História como equivalentes, as escolas e o ensino de História “cuja função social é atuar na direção da construção

desse indivíduo como membro do gênero e, por esse intermédio, mediar a reprodução social” (MACENO, 2017, p. 91) mantém seu papel socialmente necessário, colocando um novo desafio para os professores e professoras.

Ainda sobre o papel da educação, Lukács afirma (2014, p. 295):

Por um lado, nenhuma educação pode enxertar num homem propriedades totalmente novas e, por outro lado, como igualmente já vimos, as próprias propriedades não são determinações definitivas, fixadas de uma vez por todas, mas possibilidades, cuja índole específica de se tornarem realidades de modo nenhum pode ser concebida independentemente de seu processo de desenvolvimento, do devir humano socialmente efetuado do homem singular.

A individualidade é socialmente construída, pensar as mediações que atravessam e constroem nossa individualidade é pensar historicamente. A educação trabalha, assim, com potencialidades a partir da relação do ser humano singular abstrato com sua generidade, logo a educação é um processo de cunho estritamente social, pois seus limites, estímulos e demandas são construídos pela generalidade comunitária humana em determinada época e lugar, em seus diversos níveis.

Os alunos e professores, dentro de uma comunidade e de uma escola ali localizada, enquanto donos de uma individualidade consciente estão também ligados a tendências não apenas de política partidária, de leis, mas também de percepções, culturas e ideais de sociedade que são, em suma, também construídos socialmente. Portanto a escola mantém um papel de capital importância como reprodutora de sociabilidades essenciais para a manutenção das relações sociais em nossa sociedade, apesar das transformações nas comunicações acarretadas pelas novas tecnologias e pela *cibercultura*, assim o problema perpassa a instituição escolar e as disciplinas, especialmente, para os propósitos deste trabalho, a disciplina de História. Afinal, ao mesmo tempo em que novas formas de acessar informações difundem-se, o papel da escola continua essencial para a reprodução da sociedade como está constituída.

Após delimitarmos a questão, dois dilemas aparecem diante de nós: O que constitui um abuso da História ou um uso irresponsável desta ciência? Como os

professores dessa disciplina podem ajudar os estudantes a serem criteriosos e reconhecerem estes abusos?

### **Vendo e ensinando/aprendendo a reconhecer os abusos da História**

Uma das plataformas digitais mais usadas para divulgação científica é, sem dúvida, o *youtube*. Segundo Tarcísio Queiroga (2018, p. 9): “existem 98 milhões de brasileiros conectados à internet, e aproximadamente 95% dos brasileiros online que acessam a plataforma pelo menos uma vez por mês”, portanto não surpreende que o site de *upload* de vídeos seja tão focado por *digital influencers*, que aqui são nomeados *youtubers*, para divulgar os conteúdos que produzem. Todavia, apesar do *youtube* ser uma poderosa vitrine para essas pessoas, elas não ficam apenas nesse site, fazem também *podcasts*, séries e palestras. A título de exemplo, o Felipe Figueiredo do Nerdologia administra também o *podcast* Xadrez Verbal; assim como o Jones Manuel, de canal homônimo, edita livros e vende cursos virtuais de História e sociologia. Ambos são historiadores de formação.

A maioria dos canais voltados a temas relacionados à História, todavia, são alimentados por aficionados sem formação na área, entre eles Felipe Castanhari, que se tornou conhecido através do canal Nostalgia, apresentou no *History Channel* a série *Guia Politicamente incorreto da História do Brasil*, baseada no polêmico, para dizer o mínimo, livro de Leandro Narloch; Eduardo Bueno é outro que tem crescido, editou diversos livros sobre História e seu canal Buenas Ideias tem um programa chamado *Não vai cair no ENEM* sobre anedotas, curiosidades e biografias sobre temas de história do Brasil.

A princípio não há problema em pessoas que não são historiadores profissionais desenvolverem este tipo de trabalho, afinal isso demonstra o fascínio e a demanda por conhecimento histórico que existe na sociedade, todavia isso tem potencial para afetar a qualidade do material, Queiroga (2018, p. 11) retoma:

O fato de o *YouTube* proporcionar uma educação mais acessível, não o exclui da lógica de mercado, pois o conhecimento é transformado em mercadoria. E para atender as demandas do mercado, dentro dos moldes da cultura participativa, o *YouTube* depende dos profissionais que se dedicam a produção de conteúdo. Nesse sentido, a história está sendo muito procurada na plataforma, e o risco desse fenômeno, é a qualidade do material disponível, que em muitos casos é criado por pessoas sem treinamento profissional na área.

E completa (p. 12): “Partindo do pressuposto que qualquer um pode escrever história, isso não significa que toda história tenha o mesmo valor e qualidade.”. Apesar de tais *influencers* possuírem carisma e lançarem mão de uma linguagem acessível e atrativa, muitas vezes o conteúdo que produzem não é reflexivo e não ajuda a entender o presente que vivemos. São produções baseada em anedotas, curiosidades, muitas vezes com objetivo de causar riso, assim como glorificar ou fazer chacota de determinada figura histórica. A maioria dos *youtubers* não consegue conciliar entretenimento e reflexão histórica em seus produtos.

Outra questão percebida por Queiroga e Dulci (2019, p. 12) é que os canais de *Youtube* educacionais, chamados por eles de *professores-youtubers*, invertem a lógica escolar:

Essa lógica avaliativa dos canais de “professores-youtubers” se dá radicalmente de forma invertida ao que ocorre no contexto escolar, pois é o público (os estudantes consumidores) que avaliam os professores, o que gera receita para os canais e, conseqüentemente, para os docentes. Porém, isso precariza o trabalho desses profissionais, pois o professor se transforma em um prestador de serviços refém dos *likes*. Assim, na medida em que não atenda aos interesses de seus seguidores, ele pode ser facilmente descartado.

Os espectadores, entre eles adolescentes em idade escolar, consomem o conteúdo como entretenimento, fato que leva o *youtuber*, professor formado na área ou não, a procurar formas descontraídas e cômicas para atrair público. Destarte a rigidez teórica e a ética científica não são, necessariamente, parâmetros para fazer um *professor-youtuber* de sucesso, importando mais a sua capacidade performática.

Para Motta, Bittencourt e Viana (2014, p. 4) o papel exercido por esses indivíduos não pode ser menosprezado, pois “os *Youtubers* podem ser considerados líderes de opinião, em função do volume de pessoas que recebem suas mensagens e da discursiva de que se estabelece em seus vídeos”. Os professores-youtubers, devido a elementos da própria plataforma e a lógica do marketing digital, mantém um nível de proximidade e interação maior com seus espectadores:

A interatividade virtual é definida como imperativa no desenvolvimento da satisfação e da confiança eletrônica. Para, além disso, uma boa interatividade pode fazer com que os consumidores se envolvam mais, permanecendo mais tempo e participando mais nas comunidades online, ou seja, criam um maior envolvimento para com os produtos. (PINTO, 2018, p. 25).

Sendo a interatividade e a formação de uma comunidade aspectos imperativos para o sucesso de um canal de *Youtube*, o sentimento de proximidade e pertencimento que um *youtuber* exerce sobre o aluno é maior do que aquilo que a escola e os professores de História que ali trabalham são capazes de causar. Portanto, o engajamento que essas figuras são capazes de gerar, independente da qualidade científica de seu conteúdo, é potencialmente gigantesco.

O engajamento e o alcance dos *youtubers* divulgadores de conteúdos históricos, ou *professores-youtubers*, pode ser problemático, pois os parâmetros científicos e rigidez teórico-metodológica não representam elementos essenciais para o sucesso de um canal, que é vendido como um produto diferente de uma mesma prateleira. A lógica da mercadoria torna equivalentes na plataforma aqueles que levam a sério os critérios acadêmicos e aqueles que se preocupam apenas em humor ou qualquer outro fim de entretenimento supostamente descompromissado.

Os professores de História em sala de aula têm lidado de forma cada vez mais frequente com questionamentos, nem sempre amigáveis, de discentes que contrapõem a exposição dos conteúdos com informações adquiridas através de *youtubers* negacionistas cujo principal discurso consiste na ideia de que os alunos são enganados por seus professores, que os docentes mentem e repassam conteúdos de forma

desonesta. A já referida característica da plataforma, de oferecer como equivalentes conteúdos feitos por historiadores e por aficionados demonstra que não interessa, para o site hospedeiro de vídeos em questão, a metodologia da área ou a ética científica que envolve a produção historiográfica, abrindo assim uma janela para algo que vai além da não reflexão ou da mera curiosidade histórica: O negacionismo e o abuso da História. Antes de avançarmos, porém, é preciso ponderar sobre o que é um abuso da História.

Antoon De Baets (2012, p. 24) é um dos principais teóricos do tema e faz uma separação: “O abuso da história é o seu uso com intenção de provocar engano. O uso irresponsável da História pode ser tanto o seu uso enganoso, quanto o negligente.”

A responsabilidade por estes atos, o abuso e o uso irresponsável da História, não são monopólios dos não historiadores, apesar disso o uso não científico desta metodologia os favorece:

Novamente, a questão aqui é que motivos não científicos não conduzem necessariamente à história não científica, embora em certas circunstâncias eles possam estar na origem de condutas negligentes ou mal intencionadas. As regras de ouro, aqui, são apenas duas. A primeira é que o risco de abuso aumenta quanto motivos científicos não são predominantes. A segunda é que entre as possíveis combinações de motivos não científicos, algumas tendem a focar exclusivamente na própria vantagem, no favorecimento ou no prejuízo alheio e, desse modo, são mais propícias às intenções maliciosas. (DE BEATS, 2012, p. 37).

O conteúdo produzido para fins de entretenimento no *youtube* por *yotubers* em vez de historiadores está mais propenso à irresponsabilidade por sua forma de irreverência, o que é bastante perigoso, pois consolida um mercado para esse tipo de material não reflexivo. A naturalização e tolerância com usos irresponsáveis da História “acabam por aumentar a probabilidade de ocorrência de abusos mais graves.” (DE BEATS, 2012, p. 45). O abuso da história é prejudicial e provoca vítimas, direta e indiretamente:

Em primeiro lugar, a alternativa não considera condutas abusivas que poderiam ter causado dano, mas que não o fizeram porque

fracassaram. O risco de dano (inferido de magnitude, probabilidade e iminência do dano) é em si mesmo causador de dano. Em segundo lugar, o dano que atinge de fato as outras pessoas não é, na maioria das vezes, percebido imediatamente, ou pelo menos em toda a sua extensão, no exato momento em que o abuso é perpetrado (e, se for, nunca com precisão). Mais ainda, alguns danos substanciais podem surgir como efeitos indiretos do abuso. Terceiro, a definição alternativa tenderá a deixar de lado abusos que beneficiam quem comete o abuso, mas que não chegam a prejudicar outras pessoas de forma ostensiva. Contudo, se alguém se beneficia ou obtém vantagens de forma ilegítima, todos que procedem de acordo com as regras legais, profissionais ou morais, são prejudicados proporcionalmente. (...) A última e talvez mais importante objeção resulta da radicalização desta ideia. A definição alternativa ignora o argumento – Fraco em termos legais, porém consistente em termos profissionais e éticos – de que a intenção de enganar sempre causa dano mesmo que não seja a outros indivíduos. Nesse sentido, o conceito de vítima pode ser ampliado para abarcar um terceiro tipo até agora não mencionado: a própria escrita da História. (DE BAETS, 2012, pp. 25-26).

Quando o abuso ou uso irresponsável da História não fazem vítimas diretas imediatamente, abrem possibilidade para que isso venha a acontecer e, mesmo que não aconteça, a escrita da história rigorosa, metodológica e científica é atacada e relativizada.

Escrever e vender o negacionismo dos horrores da Ditadura Militar no Brasil como uma produção historiográfica alternativa igualmente relevante é um abuso violento da História e ataca diretamente todas as vítimas destes períodos traumáticos, mas não apenas, também abala a confiança e o respeito pelo rigor científico na sociedade, principalmente quando historiadores profissionais passam a usar seus diplomas com fins desonestos, visando lucro ou propagandar uma agenda política.

Como o abuso da História pode, então, ser evitado? Antoon De Baets não oferece respostas detalhadas, entretanto reflete sobre alguns caminhos que podem ser perseguidos por aqueles e aquelas que desejam prevenir o abuso e o uso irresponsável da História:

Em primeiro lugar a prevenção do abuso é estimulada por meio da formação de um hábito de trabalho cuidadoso e honesto (...). Um segundo nível é a promoção de um processo de conscientização

realizado explicitamente mediante o ensino de questões éticas para historiadores, até mesmo ensinando sobre abusos da História do passado. (...) O terceiro nível é o das salvaguardas institucionais. A propensão ao abuso diminui quando a liberdade acadêmica e a autonomia institucional são respeitadas; a seleção, o acesso e a divulgação de informações são bem regulados; um método crítico e objetivo é ensinado; estão estabelecidos um clima de revisão por pares imparcial e livre e o debate pluralista sobre o passado. (DE BAETS, 2012, p. 52).

A conscientização, a divulgação e o fortalecimento do rigor científico e das instituições de pesquisa e ensino que o garantem são imprescindíveis para evitar que o abuso da História encontre espaço de proliferação. A afirmação que inicia este parágrafo leva a discussão a outro nível: Tendo a internet aberto espaço para a difusão do uso irresponsável da História, como pode o ensino de História nas escolas, ainda mediadoras no processo de construção do ser social, dialogar com os estudantes, usuários contumazes desta mídia, e, ainda assim, fortalecer esta instituição e o pensar científico?

Na contemporaneidade a internet tornou-se onipresente em nossas vidas, mediando nossas interações sociais, comerciais e educacionais, o ensino de História precisa adaptar-se. Danilo Alves da Silva (2018, p. 42) defende que:

Consideramos que o ensino de História no contexto da era digital precisa contribuir para uma formação de sujeitos que aprendam a pensar historicamente, apropriando-se de tecnologias digitais de modo simultâneo.

Ajudar os estudantes a refletir sobre a sociedade e a pensar historicamente não é possível, hoje, sem levar em conta que parcela da educação, conceitos e ética que constroem vem das interações digitais e virtuais. Não há como impedir que os discentes assistam *youtubers* e que falem acerca de conteúdos históricos, mas há como educá-los para que consumam criticamente, pensar historicamente e apropriar-se das tecnologias digitais andam lado a lado no Século XXI. Um ponto importante no letramento histórico-digital, defendido aqui como forma de fortalecer o pensamento científico historiográfico para evitar os abusos da História, é a ampliação da interdisciplinaridade.

Os trabalhos até então realizados sobre a História e sua relação com o mundo digital com as tecnologias e com a informática têm favorecido um entendimento de que pensar a produção do conhecimento histórico neste contexto é um trabalho complexo e abrangente, uma vez que implica além de questões metodológicas, questões epistemológicas, levando-nos a pensar que são os historiadores, em diálogos interdisciplinares com outras ciências, os que conseguirão responder, mesmo que provisoriamente, questões concernentes à História e a sua relação com as tecnologias, já que estão vinculados à ciência histórica e lidam com as pesquisas históricas. (SILVA, 2018, p. 48).

A História é interdisciplinar, está em troca constante com as ciências sociais, filosofia, geografia, entre outras e precisa aproximar-se, cada vez mais, do entendimento de elementos centrais da informatização, como algoritmos e a psicologia da comunicação usada nas plataformas virtuais etc. Especificamente no campo do ensino da História na escola é preciso expandir as experiências e os contatos com as fontes para incluir arquivos digitais, sites e canais de *youtube*, até mesmo assistindo com os discentes e os ajudando a perceber as especificidades e problemas destas narrativas.

Na medida em que, observando a relação dos historiadores com o método histórico, com a produção do conhecimento histórico, possamos incorporar ao ensino de História as tecnologias digitais para análise de fontes, interpretação e construção de uma escrita (narrativa histórica), objetivando, sobretudo, o acesso dos estudantes para desenvolver habilidades de compreender a natureza, a produção e divulgação do conhecimento histórico. (SILVA, 2018, p. 50).

A aula puramente expositiva, em que o aluno é entendido como expectador passivo em um mundo cheio de opções de acesso aos conteúdos históricos, pode gerar desconfiança e desinteresse. Os professores de História devem analisar, junto com os discentes, as nuances, os tropos das narrativas produzidas no *Youtube*: Quais suas intenções? Como se destaca a forma de falar do *influencer*? Por que fala desta forma? Como usa as categorias da História? Contextualiza os eventos e figuras que descreve ou

produz uma História meramente factual e monumental? São algumas perguntas norteadoras possíveis.

Na produção científica e na pesquisa em História é preciso entender as dinâmicas das plataformas digitais e as categorias da psicologia ali colocadas em prática para que se possa construir uma rede de divulgação histórica eficiente e conectada com o público para fazer frente aos abusos da História e ao crescimento do negacionismo, assim como, no ensino de História escolar é necessário educar os estudantes para um consumo responsável e crítico destes conteúdos digitais, fortalecendo, assim, a missão da História enquanto disciplina escolar e, logo, o pensar científico.

A consciência histórica, a percepção de que somos indivíduos em uma sociedade, membros de determinado grupo e classe social no tempo é algo que todos e todas temos, porém pensar historicamente, perceber as mediações entre o indivíduo e a totalidade da sociedade, colocando em perspectiva sua historicidade, de modo a desnaturalizar tabus e preconceitos, é algo que precisa ser treinado, notando, como disse Lukács (2010, p. 102) que “a individualidade do ser humano em circunstância alguma pode ser uma qualidade originária, inata a ele, mas resultado de um longo processo de sociabilização da vida social.”.

Desta forma, o letramento-histórico-digital é imprescindível para mantermos e fortalecermos a ética e o pensamento científico na produção, divulgação e ensino da História, evitando manter aberto o espaço para a proliferação do abuso da História, que embasa visões de mundo preconceituosas e negacionistas.

## **Conclusão**

Em nossos dias a *internet* tornou-se uma poderosa ferramenta de mediação das relações sociais, oferecendo várias formas de acesso ao conhecimento científico e histórico, por diferentes vias e em diversos formatos, porém não há, nas plataformas virtuais, especificamente o *Youtube*, um filtro que separe o conteúdo histórico produzido

por *influencers* aficionados dos de historiadores profissionais, gerando problemas como, por exemplo, a possível perda de qualidade do produto, assim como abre espaço para falsas equivalências e proliferação de abusos da História.

Na disputa pelos números nas plataformas digitais, os professores-*youtubers* precisam focar em suas performances, humor e construção de ambiente de forma a prender a atenção dos espectadores, em função disso alguns divulgadores de conteúdos históricos não se prendem a qualquer rigor teórico ou ética científica, sendo mais importante o carisma e o impacto.

Os diferentes divulgadores de conteúdos históricos, entretanto, com suas diferentes metodologias, uns mais focados no respeito às discussões acadêmicas, outros mais focados no entretenimento mais supostamente descompromissado, são vendidos na mesma prateleira, como equivalentes, construindo um ambiente favorável para proliferação de discursos problemáticos e abusos da História para um grande público.

Diante de tais transformações, entretanto, a escola e, por consequência, o ensino de História mantém seu papel necessário como reprodutora dos elementos principais para dotar o indivíduo das ferramentas básicas, conhecimentos e técnicas para conviver na sociedade brasileira. Surgem, portanto, conflitos entre o professor de História, em sua posição socialmente instituída, e esses professores-*youtubers* muitas vezes descompromissados, quando abusos da História aprendidos na *internet* chegam à sala de aula. Nessa conjuntura, o ensino de História precisa responder a esta demanda: Fortalecer o pensar histórico de forma científica, oferecendo aos estudantes ferramentas para identificarem abusos e usos irresponsáveis da História. O letramento histórico-digital, o estudo, juntos dos discentes do ensino básico, de categorias da História e a aproximação da historiografia das ciências da informação fazem-se urgentes.

---

## Referências

---

ALCÂNTARA, Norma. **Lukács: Ontologia e alienação**. Instituto Lukács: Maceió, 2014.

SERTÃO HISTÓRIA (ISSN 2764-3956) – Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA, Universidade Regional do Cariri | V.1., N.2., jul.- dez. 2022.

CETIC. **Panorama Setorial da Internet 11**. Disponível em: [https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama\\_Setorial\\_11.pdf](https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama_Setorial_11.pdf). Acesso em 02 de set. 2020.

DE BAETS, Antoon. Uma teoria do abuso da História. **Revista Brasileira de História**, vol. 33, nº 65, pp. 18-60, 2012.

GRINBERG, Keila; ALMEIDA, Anita. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 1, 2012, pp. 315-326.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. Ed. Lamparina: Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Flávio Batista dos. **percepções acerca do ensino e aprendizagem em História: Uma análise sobre a temporalidade e o livro didático**, disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/35110>. Acesso em 22 de set. 2020.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Tempo**. Vol.11, n.21, 2006, pp.17-32.

LUKÁCS, Gyorgy, **Para uma Ontologia do ser social II**. Boitempo Editorial: São Paulo, 2014.

LUKÁCS, GYORGY. **Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social**. Boitempo Editorial: São Paulo, 2010.

MACENO, Talvanes Eugênio. **Educação e reprodução social**. Instituto Lukács: Maceió, 2017.

MENDES, Gabriel Cunha. **Canal “Outra História”**: o uso do *Youtube* como ferramenta pedagógica para o ensino de História. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

MOTTA, Bruna Seibert; BITTENCOURT, Maíra; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. A influência de *Youtubers* no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, v. 17, n. 3, set/dez 2014, pp. 1-25.

PINTO, José Pereira. **A influência dos Youtubers na intenção de compra dos consumidores millennials**. Dissertação (Mestrado em Gestão de Serviços). Universidade do Porto, Cidade do Porto, 2018.

QUEIROGA, Tarcísio Moreira. **Youtube como plataforma para o ensino de história**: na era dos “professores-youtubers”. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2018.

\_\_\_\_\_; DULCI, Tereza M. Spyer. “Professores-youtubers”: análise de três canais do youtube voltados para o ensino de história. **Revista Escritas do Tempo** – vol. 1, n. 1, mar-jun/2019 – p. 04-29.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TOMÉ, Vitor Manuel Nabais. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 96, n. 242, jan./abr. 2015, p. 11-25.

SILVA, Danilo Alves da. **Letramento Histórico-digital: Ensino de História e tecnologias digitais**. Dissertação (Mestrado profissional em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2018.

VIEIRA, Manuela do Corral. Identidade e internet: (des)construções de comunicação e de gênero nas redes sociais entre os jovens. **Comunicação & Inovação**, v. 17, n. 33, jan-abr 2016, pp. 22-34.

---

#### **A autora**

**Linik Sued Carvalho da Mota**

Universidade Regional do Cariri

Recebido em 11/2021 • Aprovado em 04/2022 • Publicado em 07/2022